



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: Autogestão e tecnologia em cooperativa de catadores/as de resíduos: uma análise intersubjetiva sob a óptica do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade

EJE: Ciencia, Tecnología y Sociedad

AUTORES:

¹Guilherme Franceschini

²Caroline Lins Ribeiro

³Maria Lúcia Teixeira Machado

REFÊRENCIA INSTITUCIONAL:

¹Coordenador do Curso de Engenharia Ambiental da Universidade Sagrado Coração

² Membro do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos e da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp

³ Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos

CONTACTOS:

¹guilherme.franceschini@usc.br

²carol_unicamp@yahoo.com

³mmachado@ufscar.br

RESUMEN

A sociedade atual apresenta nítidas desigualdades e abarca, em certa medida, valores pautados na competição e no individualismo. Nesse contexto, o desemprego, a precarização do trabalho, a pobreza, a exclusão econômica e de outros direitos, fazem parte da realidade da maioria dos/as trabalhadores/as, em destaque os que atuam na cadeia produtiva de resíduos sólidos. Essa classe de trabalhadores/as é responsável pela coleta de cerca de 90% dos resíduos que alimentam as indústrias de reciclagem no Brasil e suas cooperativas prestam serviços vitais para o meio ambiente degradado. Além de terem um papel na economia, possuem conhecimentos específicos e habilidades necessárias para identificar, coletar, separar, agregar valor e vender esses resíduos. Diante da realidade vivida por estes/as trabalhadores/as, muitas são as iniciativas para a tentativa de superação desse cenário de exclusão e desigualdade. A luta conta com apoio de igrejas, sindicatos e governos, da União, de Estados, Municípios, e universidades, que trazem, em certa medida, contribuições para o movimento da economia solidária. Tal economia é pautada em valores como a solidariedade, a cooperação, a autogestão e pode ser considerada como o conjunto de atividades econômicas – de produção, comercialização, consumo, poupança e crédito -



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



organizadas sob a forma de autogestão, ou seja, pela propriedade coletiva do capital e participação democrática nas decisões. É a partir da experiência vivida com esses grupos, em um projeto de extensão realizado na Incubadora Regional de Cooperativas Populares de São Carlos – INCOOP/UFSCar que este trabalho, resultado de uma dissertação de mestrado, investigou, na perspectiva dos/as catadores/as, quais elementos são transformadores e quais são obstáculos para a autonomia no trabalho da cooperativa, com foco na prática da autogestão, no desenvolvimento de tecnologias sociais e no processo de adequação sociotécnica. Para o desenvolvimento dessa investigação foi utilizada a Metodologia comunicativa crítica, com a realização de grupos comunicativos como técnica de coleta de dados primários. A interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa (um cooperado e duas cooperadas) aconteceu pelo estabelecimento do diálogo intersubjetivo em que este/as participaram desde a definição da pergunta de pesquisa até a análise dos dados. Como um dos resultados alcançados, identificou-se como principal elemento transformador o reconhecimento pelos/as trabalhadores/as da importância da cooperação, da solidariedade, da participação em atividades de formação e da agregação de valor aos resíduos para as práticas autogestionárias e para o avanço da cooperativa rumo à sua autonomia. O desenvolvimento de tecnologias sociais e do processo de adequação sociotécnica pelos/as cooperados/as também foi verificado como um importante elemento transformador para a autonomia no trabalho da cooperativa. Em contraponto, a falta de cooperação de alguns/algumas trabalhadores/as, a comunicação entre os/as cooperados/as que às vezes é dificultada, juntamente com o desafio de romper com a divisão do trabalho manual e intelectual, expressada na dicotomia entre produção e gestão, são os principais obstáculos para a autonomia da cooperativa, uma vez que tais ações não estão indo ao encontro dos valores da autogestão a que o empreendimento se propõe realizar. Relacionamos os temas investigados com o campo Ciência, Tecnologia e Sociedade, por meio da participação dos sujeitos da pesquisa na produção de conhecimentos e na adequação de tecnologias, com o objetivo de superar as desigualdades sociais e a favor das classes historicamente marginalizadas.

Palavras-chaves: cooperativas de catadores; economia solidária; ciência, tecnologia e sociedade; tecnologia social; adequação sociotécnica; autogestão.

1. Introdução

Vivemos em um mundo de opulência sem precedentes onde mudanças notáveis vêm acontecendo em diferentes dimensões. Passamos por um momento no qual, apesar da existência de um regime democrático e participativo como modelo proeminente de organização política, os direitos humanos e a liberdade política ainda são parte da retórica atual que sustenta as desigualdades do capitalismo (SEN, 2010).

O capitalismo com seus princípios baseados na competitividade, se tornou dominante há muito tempo em nossa sociedade; por isso tendemos a naturalizá-lo, gerando a manutenção de profundas desigualdades sociais. Isto se comprova pelo fato de que na economia capitalista “os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens nas competições futuras”. Tais desvantagens são legadas de pais para filhos



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



e para netos, produzindo desigualdade crescente e polarização entre ganhadores e perdedores, privados do exercício de suas liberdades individuais e usufruto dos direitos humanos (SINGER, 2002, p. 8).

Contrariamente a manutenção destas desigualdades, o movimento da economia solidária, entre os movimentos sociais que lutam pela emancipação dos trabalhadores, se coloca como uma alternativa ao modelo de produção hegemônico e às desigualdades geradas por ele. Neste contexto, ao contrário da empresa capitalista, os empreendimentos econômicos solidários (EES) possuem formas de organização em que prevalece a participação de todos os seus membros nas decisões a respeito do empreendimento, como prática da autogestão.

Segundo Singer (2002) “outro importante componente da economia solidária no Brasil é formado pelas cooperativas, associações e grupos de produção associada, incubados por entidades universitárias[...]” denominadas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs). Por apresentarem um caráter multidisciplinar, fazem parte das ITCPs professores, estudantes de graduação e pós-graduação e funcionários pertencentes às mais diferentes áreas do conhecimento. O principal objetivo destas ITCPs é atender “grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em cooperativismo e economia solidária e apoio técnico, logístico e jurídico para que possam viabilizar seus empreendimentos autogestionários” (SINGER, 2002, p. 123).

De acordo com Singer (2002, p. 123) as ITCPs são representações da resistência e do compromisso da universidade pública, no campo da economia solidária, pela via da extensão indissociável do ensino e da pesquisa. Em 1999 as ITCPs constituíram uma rede com o objetivo de reunir-se periodicamente “para trocar experiências, aprimorar a metodologia de incubação e se posicionar dentro do movimento nacional de economia solidária.”

Neste contexto, segundo este autor alguns governos de estados e diversas prefeituras têm se articulado com as ITCPs e outras entidades de fomento à economia solidária para capacitar e assessorar os beneficiados por programas de renda mínima, frentes de trabalho e outros programas semelhantes com o objetivo de fazer da assistência social uma ferramenta efetiva de combate à pobreza, mediante a organização daqueles/as trabalhadores/as que desejem por meio da produção associada alcançar o seu auto-sustento.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Contudo, apesar da economia solidária estar baseada nos valores da cooperação, na autogestão, na propriedade coletiva dos meios de produção, na tomada de decisão de forma coletiva e democrática, na transparência da movimentação financeira e da prestação de contas do empreendimento para todos os sócios e sócias, existem iniciativas que desvinculam a economia solidária do seu sentido radical de autogestão, para colocá-la como um projeto de reparação dos danos capitalistas, atuando a partir de relações produtivas e comerciais desiguais, descomprometidas socialmente. Por exemplo, cooperativas de produção formadas por empregados que terceirizam seus serviços, a mando do patrão, para livrar-se dos encargos trabalhistas; e a incorporação de sistemas heterogestionários sob o nome de cooperativas e associações (PEREIRA, 2009). Diante de tais disputas no campo da economia solidária, convém esclarecermos que consideramos ações deste campo somente aquelas baseadas na prática da autogestão.

Diante destas elucidações, o presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da dissertação de mestrado realizada no programa de pós graduação em ciência, tecnologia e sociedade da Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCar), concluída no ano de 2011. Tal pesquisa partiu de um trabalho de extensão com a cooperativa de catadores/as Coopervida, realizado pela Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP/ UFSCar). A atividade de extensão citada, situava-se no contexto de política pública marcado pelo processo de unificação das três cooperativas de catadores/as do município, (o qual originou a Coopervida) e pela proposta de implantação de uma unidade de beneficiamento de plásticos (UBP). Tal contexto foi determinado pelas ações do Departamento de Apoio a Economia Solidária do município, com a parceria da INCOOP/UFSCar.

A pesquisa teve como objetivo investigar, sob a perspectiva dos/as catadores/as¹ de resíduos, quais fatores eram obstáculos e quais eram transformadores para a autonomia no trabalho da cooperativa Coopervida, com foco na prática da autogestão, no desenvolvimento de tecnologias sociais e no processo de adequação sociotécnica, pretendendo assim contribuir para a produção de conhecimentos que relacionavam economia solidária, autogestão, tecnologias sociais e adequação sociotécnica com o campo Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS, tendo em vista a melhoria do trabalho de catadores/as organizados/as em empreendimentos solidários.

¹ Coerentemente com os princípios da economia solidária, que valoriza e reconhece o lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade, nossa pesquisa pretende utilizar palavras que contemplem as mulheres como recusa à ideologia machista, implicando, necessariamente, na recriação da linguagem.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Considera-se que o campo CTS ao estudar a importância da construção e o papel da ciência e da tecnologia na contemporaneidade, pode contribuir para a transformação da sociedade e para a superação das desigualdades, pois esta apoia-se na construção de uma ciência mais humanizada e de tecnologias adequadas para atender as demandas prioritárias daqueles/as que mais necessitam (BAZZO et al., 2003).

Tal campo teórico, somado a economia solidária, a autogestão, as tecnologias sociais e a adequação sociotécnica balizaram a pesquisa realizada, bem como os referenciais metodológicos da metodologia comunicativa crítica, a seguir apresentada para melhor esclarecimento de como chegou-se aos resultados de forma intersubjetiva com o/as próprio/as trabalhador/as da cooperativa Coopervida.

2. Metodologia comunicativa crítica

De acordo com o estudo deste campo teórico a pesquisa foi realizada seguindo as orientações da metodologia comunicativa crítica (MCC), desenvolvida originalmente a partir dos estudos do Centro Especial de Investigación em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades – CREA, da Universidade de Barcelona-Espanha, servindo de base, aqui no Brasil, para o trabalho do Núcleo de Investigación e Ação Social e Educativa – Niase (MELLO, 2006).

A MCC possui importantes aproximações com o campo CTS, cujo objeto de estudo constitui-se pela busca da compreensão, interpretação, análise das diferentes e múltiplas relações entre ciência, tecnologia e sociedade. A MCC apresenta caráter participativo e comunicativo, resultado da busca pela coerência entre as concepções de ciência e de tecnologia (tecnologia social) que defendem a participação dos/as marginalizados/as na produção de conhecimento e tecnologia, vinculando a essas, uma utilidade social, ou seja “uma ciência social democrática que não seja somente patrimônio de pesquisadores e pesquisadoras.” (GÓMEZ et al., 2006, p. 13).

A partir de contribuições de autores como Chomsky (1988) e Searle (2001/1998), com as análises das competências linguísticas; Mead (1990/1934) com o interacionismo; Habermas (1987/1981), Beck (1998/1986) e Freire (1921/1997) com a análise social e a criação do conhecimento dialógico, a MCC assume sete postulados sistematizados por Gómez et al. (2006) e apresentados a seguir:



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



1) *Universalidade de linguagem e ação*: são atributos universais as capacidades inerentes de linguagem e ação que qualquer pessoa tem para se comunicar e interagir com outras, admitindo que não existem culturas superiores ou inferiores às outras, e sim que existem culturas diferentes, que se encontram em estágios de evolução diferentes, resultados de distintas trajetórias históricas;

2) *As pessoas são agentes sociais transformadores*: as pessoas não são idiotas culturais, pois estas possuem capacidades de refletir e participar de processos dialógicos, o que as permite interpretar a realidade, criar conhecimento, atuar e até mesmo transformar as estruturas sociais. Trata-se de potencializar relações em que prevaleçam pretensões de validade (argumentos) e não pretensões de poder (imposição); assim, por meio do diálogo, todas as pessoas tornam-se agentes transformadores de seus contextos.

Neste sentido, a MCC “se distancia das teorias que se fundam em incapacidades e déficit, e se concentra naquelas que se baseiam no desenvolvimento de capacidades e potencialidades que reconhecem as pessoas como agentes sociais de suas vidas e contextos.” (GÓMEZ et al., 2006, p. 43).

3) *Racionalidade comunicativa*: é a base universal do diálogo igualitário, usando a linguagem como meio de diálogo e de entendimento para agir no mundo.

4) *Sentido comum*: depende da consciência e da experiência de vida das pessoas e se forma normalmente no próprio contexto cultural; os sentidos subjetivos são formados intersubjetivamente, nos contextos culturais, e isso favorece a criação de sentidos comuns, os quais justificam as ações no mundo.

5) Não há hierarquia interpretativa: “os indivíduos e as sociedades têm capacidade para interpretar e compreender o mundo social.” Não se pode impor o que é considerado bom ou verdadeiro devido a “posição de poder” daqueles que formam a equipe de pesquisa. (GÓMEZ et al., 2006, p. 43).

6) Igual nível epistemológico: por meio do diálogo todos e todas apresentam suas interpretações e experiências buscando o consenso² entre os argumentos;

7) *Conhecimento dialógico*: a partir de pretensões de validade e não de poder, a base do conhecimento é a interação entre as pessoas e grupos com base na comunicação

² A busca por consenso a que nos referimos parte de um processo, se refere a uma opinião, reconhecida intersubjetivamente, e pode tornar-se saber (HABERMAS, 1987, p. 47). As pretensões de validade se afirmam na medida em que constituam um consenso provisoriamente válido, sendo compreendidas e reconhecidas pelas/os interlocutoras/es. Assim, as pretensões de validade requerem uma pretensão transubjetiva de validade, fundamentada na racionalidade. Cabe ressaltar que o consenso de que fala Habermas (ibid.) abarca a possibilidade do dissenso e do conflito, pois estes podem ser superados mediante a argumentação, que dá as bases para que as emissões sejam revistas e as hipóteses eventualmente refutadas. Portanto, cabe o dissenso dentro da busca por (um) consenso.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



estabelecida. “O conhecimento se constrói por meio da interação com o entorno e não é neutro, e sim resultado do diálogo entre ciência e sociedade.” (GÓMEZ et al., 2006, p. 45). Desta forma é possível o estabelecimento de relações mais horizontais, e ao incorporar no diálogo a riqueza das bases científicas trazidas pelos pesquisadores/as e os saberes das pessoas investigadas, propicia-se uma análise da realidade mais reflexiva, igualitária e complexa, pois a análise de um objeto ou fenômeno não deve ser realizada apenas por um único ponto de vista (o da equipe pesquisadora). Assim, o conhecimento dialógico surge da interação.

A partir destes postulados, toda a pesquisa foi pautada no diálogo e na intersubjetividade como elementos chaves para a compreensão, interpretação e transformação da realidade. Os processos de argumentação e comunicação entre as diferentes pessoas participantes da pesquisa garantiram maior rigor teórico-metodológico na coleta e análise dos dados, possibilitando transformações diretas por meio da reflexão crítica, da auto-reflexão e da intersubjetividade.

A análise qualitativa foi um processo que identificou unidades básicas de conhecimento cultural das pessoas participantes, relacionados a autogestão e tecnologia social/adequação sociotécnica, explorando as categorias dessas unidades, buscando fazer relações que permitiram teorizar sobre o fenômeno estudado, tendo em vista que as pessoas investigadoras podem ter percepções e/ou ideias preconcebidas a respeito da realidade das pessoas investigadas e por isso se faz necessário o diálogo para que se chegue a um consenso. Assim, a análise foi ampliada ou modificada a partir da interação com as pessoas participantes da pesquisa que também participaram da interpretação dos resultados e conclusões das análises (Gómez et al, 2006).

A coleta de dados foi feita por meio de oito grupos comunicativos, realizados a partir de encontros com diálogo planejado, buscando obter informações sobre um determinado tema. Teve o objetivo de confrontar a subjetividade individual com a do grupo, colocando em contato diferentes perspectivas, experiências e pontos de vista. O grupo foi composto por quatro pessoas que já se conheciam, sendo um catador, duas catadoras e o pesquisador que conduziu os oito grupos a partir das bases teóricas e metodológicas da MCC.

A realização do grupo comunicativo é apropriada quando a pesquisa realizada pretende “descrever e compreender as percepções sobre uma determinada situação, um programa ou um acontecimento, sendo seu objetivo principal obter informação sobre as necessidades, interesses e preocupações de um determinado grupo social” ou coletivo.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Para a realização do grupo comunicativo, deve ser feito um acordo com todas as pessoas participantes, que primeiramente irão refletir sobre o tema da pesquisa e manifestar sua opinião (GÓMEZ et al., 2006, p. 81).

O grupo de discussão comunicativo supõe um diálogo igualitário entre as pessoas pertencentes ao grupo pesquisado e a/s pessoa/s pertencente/s à equipe pesquisadora. Por meio deste diálogo “se constrói uma interpretação coletiva do tema estudado”, utilizando a base científica existente sobre este tema e seu contraste com os conhecimentos e experiências das pessoas que compõem o grupo. Assim são feitas as interpretações e conclusões que no próximo encontro são debatidas e consensualizadas (GÓMEZ et al., 2006, p. 83).

Para a organização dos dados coletados e discutidos com as pessoas participantes primeiramente, foram transcritas as gravações obtidas nos grupos de discussão comunicativos, priorizando as contribuições que mereciam um debate mais profundo e utilizando-as para localizar as unidades de análises selecionadas. Posteriormente, foram agrupadas as unidades de análise codificadas e selecionadas em caixas, conforme a estrutura do quadro ou matriz de análise, logo abaixo apresentada. Uma vez agrupada a informação foi realizada a sua descrição e interpretação. Nesta etapa o pesquisador escreveu as interpretações sobre a informação selecionada, suas relações com as teorias estudadas e sua correspondência com os objetivos e/ou hipóteses. Foi um primeiro informe realizado em forma de comentários gerais apresentado para as pessoas participantes da pesquisa (GÓMEZ et al., 2006, p. 99). Isto é, após cada relato do grupo de discussão comunicativo, foi realizada uma primeira análise para contrastar com as pessoas participantes da pesquisa. Neste encontro, além de contrastar as análises, também se deve sanar as dúvidas e/ou aprofundar os aspectos que foram explicados superficialmente ou que foram analisados de maneira insatisfatória ou insuficiente para que se possa chegar a um consenso e/ou a um entendimento.

Por fim, após debatidas e contrastadas as interpretações com as pessoas participantes da pesquisa, são integrados os resultados obtidos por meio dos grupos comunicativos e elaborado o relato final que deve conter os objetivos (gerais e específicos), a base teórica e a metodologia utilizadas, os resultados e as conclusões.

As análises das informações coletadas foram sistematizadas no quadro ou matriz de análise, com as informações organizadas a partir de dois eixos: os elementos obstaculizadores e os elementos transformadores, como o exemplo abaixo.

		Categorias	
		Autogestão	Tecnologia social / AST
Dimensões	Elementos obstaculizadores	1) temas 2)	1) temas 2)
	Elementos transformadores	1) temas 2)	1) temas 2)

Quadro 1: Exemplo de quadro de análise de informações, de acordo com as orientações comunicativas.

Fonte: Trabalho de Pesquisa, 2011.

Na busca pela transformação social, a MCC realiza as análises identificando as barreiras que impedem ou dificultam a transformação, consideradas como elementos obstaculizadores. Tendo em vista superar tais barreiras temos ainda os elementos transformadores, que favorecem a transformação da realidade em questão.

É a partir destas dimensões que a MCC se propõe a não só fazer a denúncia da realidade social, mas também de fazer o anúncio de possibilidades de transformação da realidade estudada, assim como buscar formas de superar as desigualdades sociais.

Segundo Gómez et al. (2006, p. 95) os elementos obstaculizadores e transformadores são:

- *elementos obstaculizadores*: são os obstáculos (ou barreiras) encontrados por algumas pessoas ou coletivos que impedem ou dificultam sua incorporação “em uma prática ou benefício social como, por exemplo, o mercado de trabalho, o sistema educativo, etc. Se não existissem tais obstáculos, essas práticas ou benefícios sociais estariam à disposição das pessoas ou coletivos excluídos.”

- *elementos transformadores*: são os que contribuem para superar os obstáculos que impedem ou dificultam a incorporação de pessoas e/ou coletivos marginalizados de práticas ou benefícios sociais.

A partir dessas considerações sobre a MCC, serão apresentadas a seguir as análises intersubjetivas, bem como os temas discutidos e os elementos transformadores e obstaculizadores identificados no processo investigativo.

3. Análises intersubjetivas



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



A descrição dos dados foi organizada em sessões que correspondem aos temas tratados com o cooperado e a cooperada nos grupos de discussão comunicativos. As análises foram realizadas segundo as categorias de autogestão e de tecnologia social/adequação sociotécnica (T.S./AST), e a partir dos eixos de análise propostos pela MCC: os elementos obstaculizadores e os elementos transformadores para a autonomia no trabalho da Coopervida, com foco na prática da autogestão, no desenvolvimento de tecnologias sociais e no processo de adequação sociotécnica.

Destaca-se que a categoria de autogestão emergiu da sistematização, elaborada pelo pesquisador, das discussões realizadas no primeiro grupo comunicativo em que o/as participante/s da pesquisa sinalizaram a prática da autogestão como a principal dificuldade enfrentada pela cooperativa. A segunda categoria (T.S./AST) foi proposta pela equipe pesquisadora com base na sistematização dos dados do primeiro grupo comunicativo e no enfoque do programa de pós-graduação. As teorias e conceitos relacionados a esta segunda categoria foram apresentados às pessoas participantes da pesquisa e considerados por elas relevantes à investigação.

Em relação aos dados é importante ressaltar que os elementos transformadores e os obstaculizadores presentes nas análises foram identificados pelas pessoas participantes da pesquisa em dois momentos diferentes da história dessas como catador e catadoras: um primeiro momento que corresponde ao período em que cada uma dessas pessoas trabalhava em uma cooperativa separadamente, antes da unificação; e um segundo momento correspondente ao último ano (2010), após o processo de unificação.

Os dados foram organizados de acordo com o quadro 1 (matriz de análise da MCC) e analisados de acordo os seguintes temas: 1) formação dos/as cooperados/a e parcerias; 2) participação em movimentos sociais; 3) gestão, processo de trabalho e relações interpessoais; 4) agregação de valor aos resíduos. Também como resultado das análises foi elaborado um quadro com sugestões de melhorias relacionadas ao processo de trabalho. Tais sugestões foram feitas de forma explícita pelo/as cooperado/as no processo reflexivo da pesquisa.

Para auxiliar a compreensão das análises realizadas, faz-se necessário apresentar as categorias utilizadas, à saber: autogestão, tecnologia social e adequação sociotécnica. Compreende-se a autogestão como um processo de organização democrática da ação de um coletivo. Na economia solidária a autogestão caracteriza-se como um conceito político de caráter social, econômico e técnico com base na repartição do poder, tendo a decisão, o



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



planejamento e a execução sob controle democrático dos próprios/as trabalhadores/as organizados/as coletivamente. Outras bases da autogestão são a posse e o controle dos meios de produção pelos/as trabalhadores/as, a superação entre trabalho intelectual e manual, a disponibilidade de informações relevantes referentes ao empreendimento, objetivando relações não alienadas, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida dos/as trabalhadores/as (PEREIRA, 2009; ALBUQUERQUE, 2003; MNCR, 2010; ANTEAG, 2007; SINGER, 2005; BARCELOS e LECHAT, 2008).

Com relação ao conceito de tecnologia social entende-se que este está relacionado com um enfoque que vislumbra a tecnologia como instrumento capaz de propiciar transformações sociais, contribuindo para a superação de desigualdades e com o desenvolvimento social. Tal tecnologia é considerada como um processo, como um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, resultantes da ação de um coletivo de trabalhadores/as sobre um processo de trabalho que, partindo da propriedade coletiva dos meios de produção e da prática da autogestão, pode representar soluções para a inclusão social e a melhoria das condições de vida ao serem aplicadas pela população (Singer e Kruppa, 2004; Dagnino, 2010; Otero e Jardim, 2004).

Apesar da discordância de alguns autores, também adotou-se a concepção de tecnologia social de Dal Ri (2010) que inclui as próprias formas organizacionais (distribuição igualitária do excedente econômico, propriedade coletiva dos meios de produção e caráter democrático da administração) dos empreendimentos autogestionários de trabalho associado como tecnologias sociais.

Tratando-se da adequação sociotécnica (AST), compreende-se esta como um processo que busca promover uma adequação do conhecimento científico e tecnológico por meio da adequação da tecnologia convencional, e para além disso, conceber alternativas suplementares aos critérios técnico-econômicos usuais. Tal processo pode se dar por meio de sete modalidades: uso, apropriação, revitalização ou repotenciamento das máquinas e equipamentos, ajuste do processo de trabalho, alternativas tecnológicas, incorporação de conhecimento científico-tecnológico existente e incorporação de conhecimento científico-tecnológico novo (DAGNINO, 2008).

Pautando-se nestas definições foram realizadas as análises. Destaca-se que os elementos identificados foram, durante o processo da pesquisa, sistematizados pela equipe pesquisadora, discutidos e validados com as pessoas participantes da pesquisa, conforme



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



indicam as bases teórico-metodológicas da MCC. Ressalta-se ainda que, em certos casos, o mesmo elemento transformador foi identificado em mais de um tema.

Neste sentido, foram evidenciados como **obstáculos** à autogestão e ao desenvolvimento de tecnologias sociais e do processo de adequação sociotécnica os seguintes elementos:

- ⇒ Nem sempre as atividades de formação estão de acordo com as demandas mais urgentes da cooperativa;
- ⇒ Nem todos/as os/as cooperados/as se interessam em participar dos cursos oferecidos pelas entidades de fomento;
- ⇒ Dificuldade dos/as cooperados/as de, em alguns momentos, compreender a linguagem técnica utilizada por membros das entidades de fomento;
- ⇒ Falta de compromisso e de interesse de alguns/mas cooperados/as em participar dos movimentos sociais;
- ⇒ Maior interesse nos eventos que são realizados fora do município, dando pouca importância aos eventos locais;
- ⇒ Dificuldade em escolher democraticamente quem irá participar das reuniões locais e encontros fora do município, prevalecendo as relações de poder;
- ⇒ Dificuldade em conciliar as reuniões e encontros com os compromissos familiares (cuidar da casa, dos/as filhos/as pequenos etc);
- ⇒ Falta de cooperação, união, e comprometimento de alguns/mas trabalhadores/as em algumas operações de agregação de valor aos resíduos;
- ⇒ Descaso, falta de cooperação, solidariedade e compromisso de alguns/mas cooperados/as na operacionalização da coleta porta-a-porta. Casas ficam sem o atendimento da coleta seletiva;
- ⇒ Falta de união, de cooperação e de interesse de alguns/mas cooperados/as em participar das atividades que exigem algo a mais (dedicação de horas além daquelas que ficam no barracão) do que coletar e triar os resíduos;
- ⇒ Interesse restrito pelo dinheiro dificulta o rompimento com a lógica da heterogestão enraizada no capitalismo, e com isto dificulta o estabelecimento de relações mais horizontais e solidárias;
- ⇒ Tratamento diferenciado entre novatos e antigos e entre os que são parentes (protecionismo);



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



- ⇒ As pessoas da diretoria ainda são vistas como chefe e em alguns casos assumem posturas de chefe;
- ⇒ Comunicação truncada, dificuldade de estabelecer o diálogo igualitário;
- ⇒ Falta de interesse dos/as cooperados/as na unidade de beneficiamento de plásticos devido à demora na instalação do novo equipamento;
- ⇒ Pouca utilização dos computadores para procurar novos compradores, preços melhores e pesquisar assuntos relativos às atividades desenvolvidas pela cooperativa;

Por outro lado, os **elementos transformadores** para a autogestão e para o desenvolvimento de tecnologias sociais e do processo de adequação sociotécnica que identificamos foram:

- ⇒ Envolvimento na elaboração participativa de um contrato de prestação de serviço para a Prefeitura municipal e sua formalização, garantindo os direitos trabalhistas aos/as cooperados/as;
- ⇒ Parcerias entre a Coopervida e as entidades de fomento propiciaram a realização de cursos de formação, fomentando as práticas de autogestão, cooperação e solidariedade na cooperativa, além de aproximá-la do Movimento Regional da Economia Solidária e do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR);
- ⇒ Apoio de entidades relacionadas aos movimentos sociais (economia solidária e MNCR);
- ⇒ Desenvolvimento e exercício das habilidades comunicativas ao argumentarem perante outros grupos sociais em defesa de seus interesses;
- ⇒ Realização da venda para diversos compradores e também para a indústria;
- ⇒ Conquista da confiança de alguns compradores devido à boa qualidade dos resíduos;
- ⇒ Busca de novos compradores;
- ⇒ Cooperação e solidariedade em determinadas operações de agregação de valor aos resíduos;
- ⇒ Reconhecimento de que é fundamental tratar com educação (polidez, cortesia), tanto os/as companheiros/as de trabalho, como os/as moradores na hora da coleta;
- ⇒ Reconhecimento da importância de mais união entre os/as cooperados/as para que a cooperativa avance;
- ⇒ Reconhecimento da importância do diálogo para uma maior eficiência na organização do trabalho e para minimizar os conflitos;



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



- ⇒ Identificação de propostas de melhoria da eficiência da coleta seletiva porta-a-porta;
- ⇒ A parceria entre a INCOOP/UFSCar, o DAES/PMSC e a cooperativa acarretou na obtenção da unidade de beneficiamento de plásticos para a Coopervida, bem como em uma capacitação para a utilização desta unidade;
- ⇒ A parceria entre a Unisol, o DAES e a cooperativa propiciou o encontro de cooperados/as da Coopervida com membros de outras cooperativas da região e o início de uma conversa para a formação de uma rede de comercialização por meio do uso da unidade de beneficiamento de plásticos, e de outras tecnologias de agregação de valor aos resíduos;
- ⇒ Aprovação do projeto Funasa e a consequente aquisição de equipamentos para coleta, triagem e beneficiamento dos resíduos possibilitarão a realização do processo de adequação sociotécnica pelos/as cooperados/as;
- ⇒ Desenvolvimento de técnicas de identificação e separação refinada de resíduos, o que aumenta a quantidade de tipos de resíduos agregando valor a estes;
- ⇒ Realização do processo de adequação sociotécnica com os equipamentos utilizados para agregar valor aos resíduos.

Além desses elementos, também foram sistematizadas no quadro a seguir propostas explícitas de melhoria para o trabalho na Coopervida.

Indicações explícitas de melhoria

- Anunciar diariamente na rádio quais as rotas da coleta seletiva, similarmente como é feito com a coleta convencional;
- Criação de uma forma de identificar a pessoa que está deixando casas para trás na operacionalização da coleta seletiva e tomar providências;
- Participação em um programa na Rádio UFSCar para falar sobre questões referentes à cooperativa e à coleta seletiva no município;
- Aumentar a utilização de LEV's (locais de entrega voluntária de resíduos pela população);
- Divulgar a coleta seletiva nas residências e sensibilizar os/as moradores/as a participarem/contribuírem/responsabilizarem-se;
- Contratação de um/a psicólogo/a que atue na cooperativa com o objetivo de melhorar as relações interpessoais e autogestionárias.
- Criação de critérios de participação para auxiliar na escolha de quem irá



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



participar das reuniões locais em dos encontros fora do município. – Criação de uma estratégia para passar as informações do individual para o coletivo por meio da utilização de um mural

Quadro 2: Indicações explícitas de melhoria.

Fonte: Trabalho de Pesquisa, 2011

Importante destacar que os elementos transformadores, obstaculizadores e as propostas explícitas de melhoria apontados neste trabalho correspondem ao contexto vivido pelas pessoas participantes da pesquisa e pela cooperativa durante o desenvolvimento dessa, sendo assim provisória, tendo em vista que as pessoas estão em constante transformação e, desta forma, a realidade em que vivem também. Tal contexto está relacionado à recente unificação (nove meses à época da pesquisa) dos/as catadores/as pertencentes às três antigas cooperativas do município que trabalhavam separadamente e que, segundo as pessoas participantes da pesquisa, seus membros não apresentavam uma boa relação entre si.

Após a identificação dos elementos acima realizada, seguimos para o próximo tópico com as considerações elaboradas a partir das análises.

4. Considerações

O estudo realizado com base na metodologia comunicativa crítica exigiu radicalmente a participação de todas as pessoas envolvidas, sobretudo na elaboração da questão de pesquisa e na análise dos dados, por isso, considera-se que tanto o objetivo, como os temas de análise escolhidos partiram das demandas, das necessidades e das reflexões consensuadas com as próprias pessoas trabalhadoras.

Contudo, verifica-se que a categoria e o tema que emergiram da sistematização e análise dos dados, como exemplo a categoria autogestão e o tema gestão, processo de trabalho e relações interpessoais tiveram maior número de elementos a serem discutidos, pois se aproximavam do cotidiano do empreendimento. Os elementos relacionados à categoria tecnologia social/adequação sociotécnica sugerida pelo pesquisador, apesar de ter sido consensuada com as pessoas participantes da pesquisa, teve menor incidência de elementos.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Diante das análises considera-se que apesar de existirem elementos obstaculizadores às práticas autogestionárias, relacionados às posturas anti-solidárias de alguns/mas cooperados/as, durante a realização de seu trabalho, também existem manifestações explícitas de práticas de cooperação e solidariedade, além do reconhecimento pelos/as trabalhadores/as da importância da cooperação, da solidariedade, da participação em atividades de formação e da agregação de valor aos resíduos para as práticas autogestionárias e para o avanço da cooperativa rumo à sua autonomia.

O desenvolvimento de tecnologias sociais e do processo de adequação sociotécnica pelos/as cooperados/as também foi verificado como um importante elemento transformador para a autonomia no trabalho da Coopervida.

As parcerias entre a cooperativa e as entidades de fomento à economia solidária, apesar de apresentarem dois elementos considerados obstáculos para a autogestão, proporcionaram a identificação de vários elementos transformadores para as práticas autogestionárias na cooperativa, tanto no que diz respeito à formação dos/as cooperados/as e à participação destes/as em movimentos sociais, quanto à aquisição de equipamentos que propiciam a realização do processo de adequação sociotécnica e o desenvolvimento de tecnologias sociais.

Em contraponto, a falta de cooperação de alguns/algumas trabalhadores/as, a comunicação dificultada entre os/as cooperados/as, juntamente com a dificuldade em romper com a divisão do trabalho manual e intelectual, expressada na dicotomia entre produção e gestão, são os principais obstáculos para a autonomia da cooperativa, uma vez que tais ações não estão indo ao encontro dos valores da autogestão a que o empreendimento se propõe a realizar. Relaciona-se a esses obstáculos à deficiência na formação em economia solidária, à educação das pessoas baseada em valores capitalistas.

Por meio da constatação dos elementos transformadores e obstaculizadores verifica-se que as atividades desenvolvidas pela cooperativa (expressadas pelos quatro temas analisados), sistematizadas de acordo com as categorias de autogestão e de tecnologia social/adequação sociotécnica permitiram identificar habilidades e conhecimentos exigidos dos/as cooperados/as que vão além de somente controlar receitas e despesas, triar os resíduos, planejar e acompanhar a coleta, pesquisar novos compradores, tomar decisões sobre o interesse comum, etc. Também se faz necessário que tais trabalhadores/as possuam conhecimentos e habilidades necessárias para adequar à tecnologia convencional referente às operações de agregação de valor aos resíduos, ampliando seus saberes



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



relativos aos aspectos produtivos e adaptando o seu processo de trabalho à essas tecnologias, adequando-se também às tecnologias da informação que se apresentam como importantes ferramentas para consultas e cotações na comercialização, para organizarem sua participação em reuniões e eventos dos movimentos sociais os quais participam, e para ampliar seus contatos e conexões com outras cooperativas e associações, tendo em vista formar redes de cooperação, comercialização de resíduos e até mesmo de consumo solidário.

Identificou-se ainda que o conjunto de operações de separação/triagem dos resíduos realizadas para aumentar o valor agregado a estes, bem como a própria forma organizacional da cooperativa baseada nos princípios da autogestão, são tecnologias sociais desenvolvidas por estes/as trabalhadores/as. Desta forma, reafirma-se que as teorias estudadas ao evidenciar que o desenvolvimento de tecnologias sociais e a autogestão estão atreladas quando são pensadas as atividades dos empreendimentos que buscam organizarem-se de acordo com os princípios da economia solidária.

Deste modo, a partir do desenvolvimento de tecnologias sociais e, no contexto de nossa investigação, da participação dos sujeitos da pesquisa na produção de conhecimento, verifica-se uma contraposição às concepções convencionais de ciência e tecnologia que atendem às demandas do capital e atuam na manutenção das desigualdades sociais.

Diante de tais elaborações e das novas formas de olhar e compreender as diferentes relações entre ciência, tecnologia e sociedade a que se propõe o campo CTS ao discutir as dimensões sociais da ciência e da tecnologia, compreende-se que tal pesquisa de mestrado alcançou os objetivos de estabelecer relações entre economia solidária, autogestão, tecnologias sociais e o referido campo ao exercer uma contraposição ao modelo hegemônico de produção de C&T, defendendo a existência de uma preocupação prioritária em desenvolver conhecimentos e tecnologias com o objetivo de superar as desigualdades sociais e que estejam a favor das classes historicamente marginalizadas.

Deste modo, consideramos que o campo CTS ao estudar a importância da construção da ciência e da tecnologia e o seu papel na sociedade da informação pode contribuir para o desenvolvimento de tecnologias sociais e do processo de adequação sociotécnica ao propor discussões sobre os aspectos sociais da ciência e da tecnologia e das novas formas de olhar e compreender as diferentes relações entre ciência, tecnologia e sociedade.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Tendo em vista suas características, defende-se que o campo CTS necessita de um plano metodológico que vá além de descrever e explicar a realidade, passando a compreendê-la e a interpretá-la com objetivo de transformá-la, dando ênfase na interação entre as pessoas. Diante dessas compreensões, e do fato de que nesta pesquisa trabalhou-se com catadores/as de resíduos recicláveis, a metodologia comunicativa crítica (MCC) aqui utilizada pretendeu contribuir para as discussões do campo CTS, na medida em que considerou os sujeitos da pesquisa como capazes de, juntamente com o pesquisador, definir os aspectos da realidade prioritários para análise, participando diretamente da construção do conhecimento científico sobre as atividades desta classe de trabalhadores/as. Em tal construção, a partir dos pressupostos da MCC, considera-se os sujeitos da investigação como capazes de se comunicar e participar da interpretação da realidade em que vivem. Afinal, ninguém melhor do que este/as para argumentar e discutir sobre seu trabalho.

Pensando na finalização da pesquisa, conforme as orientações da MCC, está sendo elaborado um documento, com caráter informativo, contendo a síntese das análises para serem apresentadas para todas as pessoas da cooperativa durante a realização de uma assembleia. Tal documento também será encaminhado para as entidades parceiras da cooperativa como o DAES/PMSC e a INCOOP/UFSCar.

Tendo em vista a continuidade deste trabalho em futuras pesquisas, indica-se que questões relacionadas à dificuldade da prática da autogestão e dos valores da economia solidária, à falta de cooperação e de interesse nas atividades coletivas por parte de alguns/mas trabalhadores/as, as quais foram associadas à falta de formação em economia solidária e à educação desses/as, que está baseada em valores capitalistas, podem ser aprofundadas, dando ênfase para a análise sobre a metodologia e a dinâmica das atividades de formação e para os obstáculos apresentados referentes a baixa participação nestas atividades, podendo incluir o grau de escolaridade como um parâmetro para esta análise.

Outro elemento que pode ser aprofundado é a relação entre o “grau de autogestão” dos empreendimentos e o desenvolvimento de tecnologias sociais e do processo de adequação sociotécnica por estes, pois para que esse desenvolvimento aconteça de forma legítima, as organizações de trabalho associado devem estar baseadas nos princípios da autogestão.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



5. Referências

ALBUQUERQUE, P. P. Autogestão. In: CATTANI, A. D. (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

ANTEAG – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES E EMPRESAS DE AUTOGESTÃO E PARTICIPAÇÃO ACIONÁRIA. **Autogestão e economia solidária: Uma nova metodologia**, v. 3 – São Paulo: Anteag, 2007.

BARCELOS, E. da Silva. LECHAT, N. Autogestão: desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários. **Rev. Katálisis**. Florianópolis, v.11, n.1, p. 96-104, jan/jun. 2008.

BAZZO, W. A.; LINSINGEN, I. V.; PEREIRA, L. T. V. (ed.). **Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**. Madri: OEI, 2003.

DAL RI, N. **Organizações de trabalho associado e gestão democrática: uma nova tecnologia social**. In: 6º Seminario Académico Internacional del PROCOAS Facultad de Ciencias Económicas, 2010, La Plata. Anais...La Plata, 2010

DAGNINO, R. Ciência e tecnologia para a cidadania ou adequação sócio-técnica com o povo? Instituto de Estudios Sociales y Culturales **PENSAR: Ciência e Tecnologia para la ciudadanía**. Bogotá, 2008.

_____. (Org.). **Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade**. Campinas, SP: IG/UNICAMP, 2010.

GÓMEZ, J. et al. **Metodologia comunicativa crítica**. Barcelona: ElRoure Editorial, 2006.

HABERMAS. J. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987. v.1: Racionalidad de la acción y racionalización social.

MNCR - MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Princípios e objetivos do MNCR. Disponível em http://www.mncr.org.br/box_1/principios-e-objetivos. Acesso em: 20 maio 2010.

MELLO, R. R. **Metodologia de investigação comunicativa: contribuições para a pesquisa educacional na construção de uma escola para todos e todas**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2006.

OTERO, M. L.; JARDIM, F. A. Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. Instituto de Tecnologia Social. In: LASSANCE JÚNIOR, A. E. et. al. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 117- 132.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



PEREIRA, K.A. **Economia solidária e aprendizagem dialógica: práticas de participação e autogestão em assentamento rural e necessidade de outra EJA.** São Carlos, 2009. 315 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SINGER, P. A Economia Solidária Como Ato Pedagógico. In: **Economia solidária e educação de jovens e adultos.** Sonia M. Portella Kruppa (org). Brasília: Inep, 2005. p. 13-20.

SINGER, P.; KRUPPA, S. M. Senaes e a economia solidária – democracia e participação ampliando as exigências de novas tecnologias sociais. In: LASSANCE JÚNIOR, A. E. et. al. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 89-102.

SINGER, P. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, P; SOUZA, A.R.de (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 11-28 (Coleção Economia).

_____. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.